

Circo no bloco

O bloco, para alguns, pode ser um processo de reinvenção. Uma forma de recomeçar em outro caminho. Larissa do Rocio Camargo Antezana, 36, entende bem essa realidade. Quando adentrou no mundo do carnaval, em 2019, passava por um período de adoecimento mental e precisou lidar com a depressão. “Entrei na folia como apoio. No início, era porta-estandarte e fui investindo em formação. Fiz diversas aulas, de malabares, de bambolê, de dança, de perna de pau, teatro. Continuo fazendo, é formação constante”, revela.

Neste universo à parte, ela une a festa carnavalesca com a performance circense. Um processo, segundo Larissa, que se inicia individualmente, mas que se desenvolve no coletivo. Músicas com dança, arte de circo e de teatro. A dinâmica começa com uma pesquisa de ritmo musical e seus passos. A partir deles, a primeira proposta de coreografia é desenhada e levada para a trupe do Calango Careta, frente na qual está inserida com esse trabalho. Juntos, fazem ajustes, modificações e pensam a melhor maneira de performar.

“No final, uma coreografia, uma cena se constrói com as ideias de todos da trupe. E é incrível quando estamos na rua, e o público dança conosco, reproduz as danças, as dinâmicas”, afirma Larissa. Estar presente no carnaval é um estímulo pessoal, uma realização que transcende qualquer experiência já vivida. Afinal, foi nos blocos de rua que ela encontrou o refúgio que precisava. “Ainda tenho muito a aprender, mas não falta vontade de fazer melhor”, acrescenta.

Na observação de Larissa, os dois universos, do carnaval e do circo, se complementam pela capacidade de encantamento que ambos proporcionam. As performances circenses têm esse poder de impacto visual, de fazer quem está acompanhado se sentir entusiasmado com as cenas. São adaptáveis, flexíveis se ajustam aos diversos ritmos do repertório e também trabalham com o acaso, com os imprevistos, com a flexibilidade dos integrantes.

Para Larissa, a folia é múltipla. Presente nas ruas, lugar em que mais gosta de estar, enxerga as festas como uma recriação da coletividade, algo que faz as pessoas vibrarem. “Para ocupar essa cidade que, no tombamento, diz ser de livre circulação, mas que, na prática, impõe diversos empecilhos para essa movimentação. Carnaval de rua é música, é arte, é gente, é coletividade, é caos, é democrático e é resistência.”



Larissa encontrou nos blocos de rua um refúgio para a depressão

PROGRAMA-SE

O Calango Careta, bloco em que Larissa se apresenta, sairá na terça-feira de carnaval. O local e o horário são divulgados na noite de segunda-feira, no perfil da agremiação no Instagram (@calangocareta)